

# PERCEPÇÕES E USOS DA INFORMAÇÃO POR UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS: SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO DE AÇÕES DE LETRAMENTO INFORMACIONAL

*Perceptions and uses of information by Brazilian university students: input for planning information literacy interventions*

Monique Lucia da Silva Farias (1), Ariadne Chloe Mary Furnival (2), Graziella Yuri Matsuno (3)

(1) Graduada em Biblioteconomia e Ciência da Informação, UFSCar, farias\_monique@hotmail.com. (2) Universidade Federal de São Carlos UFSCar – Departamento de Ciência da Informação, chloe@ufscar.br. (3) Universidade Federal de São Carlos UFSCar – Biblioteca Comunitária, graziella@ufscar.br.

## Resumo

Apresenta um estudo que teve como objetivo principal levantar percepções, hábitos e usos da informação de universitários numa universidade pública no Brasil. Um questionário composto de nove questões foi disseminado online via rede social, *Facebook*, e foram retornados 216 questionários respondidos na sua totalidade. Os resultados não divergem muito daqueles obtidos entre universitários em outros países, e em geral, apontam para uma contundente preferência pela informação em formato digital, e principalmente aquela acessada por buscas realizadas a partir dos buscadores *Google* e *Google Acadêmico*. Há uma concomitante e marcante negligência do uso de catálogos de bibliotecas, fontes impressas, e, inclusive, de bases de dados referenciais de alta qualidade às quais os universitários brasileiros têm acesso subsidiado pelo governo. Foi constatada uma falta de familiaridade com os termos usados para descrever fontes de informação, implicando que a relação entre o uso do *Google Acadêmico* e repositórios digitais é desconhecida, e a maioria dos respondentes apontou as indicações dos seus professores como sendo o “filtro de qualidade” da informação, não possuindo seus próprios mecanismos para avaliá-la. O uso feito da biblioteca universitária pelos respondentes é limitado, e há o preocupante desconhecimento das atribuições e potenciais contribuições do profissional bibliotecário.

**Palavras-chave:** Estudantes universitários; recursos de informação; necessidades e usos de informação; diagnóstico letramento informacional.

## Abstract

A study that aimed to identify the perceptions, habits and uses of information by students at a public university in Brazil is presented. A questionnaire composed of nine questions was disseminated online via the social network Facebook, and 216 completed questionnaires were returned. The results do not differ much from those found in other countries among university students, and in general, show a striking preference for information in digital format, and that which is mostly accessed by searches conducted from Google and Google Scholar search engines. There is a concomitant and striking neglect in the use of library catalogs, printed information sources, and even the high quality reference databases to which university students have access subsidized by the Brazilian government. A lack of familiarity with the terms used to describe information sources was identified, implying that the relationship between the use of Google Scholar and digital repositories is unknown, and most respondents pointed to the directions of their teachers as the "quality filter" for information and they do not have their own mechanisms for evaluating it. The use made of the university library by the respondents is limited, and there is a worrying lack of awareness of the roles and potential contributions of librarians.

**Keywords:** university students; information resources; information needs and uses; information literacy diagnosis.

## 1 Introdução

O estabelecimento e a posterior consolidação da produção, disseminação, troca, uso e compartilhamento da informação científica em formatos predominantemente digitais têm transformado profundamente, nas últimas décadas, a forma pela qual os estudantes universitários e os pesquisadores científicos estudam e trabalham. A

busca pelos materiais acadêmicos e científicos tem se tornado cada vez mais ágil, principalmente porque os pesquisadores e estudantes conseguem encontrá-los sem nem mesmo precisarem sair de perto da sua mesa de trabalho. Hoje, pode-se pesquisar em múltiplos recursos e fontes digitais de informação: os repositórios abertos, plataformas de bases de dados bibliográficas referenciais e de texto completo, catálogos de bibliote-

cas entre outros, ou através de um único buscador como o do Google Acadêmico, ou ainda iniciando-se com um metabuscador, como o *Dogpile* ou *Metacrawler*. É consenso na literatura científica que as gerações atuais de estudantes universitários, no mundo todo, trabalham quase que exclusivamente em ambientes digitais, buscando, organizando, trocando e compartilhando as informações no contexto dos seus estudos universitários, e subsequentemente apresentando-as também em formatos e ambientes digitais: ou seja, as atividades acadêmicas e sociais dos universitários hoje são medidas por aquilo que Gutierrez (2011, p.362) chama o “entorno tecnológico”.

Por ter nascido na época pós-1993, quando a internet já estava a caminho para se estabelecer como uma dimensão onipresente na vida cotidiana, e por desempenhar quase todas as atividades de aprendizagem usando as tecnologias convergidas digitais, essa geração de graduandos é frequentemente denominada a “geração Y”, “geração Z” “*millenials*”, “geração Google”, “nativos digitais” (Rowlands et al, 2008; Novelli, Leite e Sitta, 2010). Gutierrez (2011) também apresenta uma significativa revisão e discussão sobre os conceitos por trás desta miríade de termos usados para denominar esta geração.

O reconhecimento desse fenômeno da ubiquidade das TIC convergidas na vida dos graduandos tem suscitado uma crença, quase do senso comum, de que eles têm uma facilidade e aptidão natural para manusear essas tecnologias para encontrar, acessar e usar as informações necessárias para a realização das tarefas dos seus estudos na graduação. No entanto, existe um corpo crescente de trabalho, principalmente oriundo do campo de competência informacional que desconstrói tal crença, demonstrando que, de fato, a tendência é que essas gerações busquem e avaliem a informação de formas intuitivas e superficiais, frequentemente prescindindo de um senso crítico e uma postura ética (Taylor, 2012; Taylor e Dalal, 2014).

As implicações disso são sentidas por docentes universitários, ao avaliar trabalhos acadêmicos elaborados a partir de pesquisas bibliográficas empobrecidas, e pelas bibliotecas universitárias, que idealmente seriam “a primeira parada” para o universitário adquirir competência informacional em sessões de letramento informacional. Existe um descompasso entre o tipo de fonte de informação que os docentes esperam que seus alunos citem e aquilo que os estudantes de fato utilizam e citam.

Ademais, as bibliotecas universitárias de hoje estão tendo que reconfigurar seus papéis e ações, já que os ambientes informacionais quase que exclusivamente digitais as obrigam a fornecer acesso 24 horas por dia a tais ambientes. Essas bibliotecas também devem ter espaços físicos adaptáveis à aprendizagem mista (*blended learning*) que se pauta no acesso às fontes mais

“tradicionais”, impressas junto com as digitais, além de propiciar ambientes adequados ao trabalho em grupo. Entre o rol de serviços que os bibliotecários universitários oferecem são as sessões de letramento informacional, adaptando o conteúdo e a forma destes processos de “educação do usuário” para que se alinhem com as mudanças constantes do ambiente informacional digital.

É inevitável que haja algumas especificidades e particularidades na formulação das intervenções de letramento informacional, relacionadas tanto ao nível micro – o perfil do aluno individual – quanto ao nível macro, que se refere à configuração institucional do ambiente informacional no qual os graduandos se encontram. Isto é, para elaborar módulos, pacotes, cursos, tutoriais, será preciso antes diagnosticar as necessidades e práticas informacionais dos usuários daquela comunidade. Os resultados de tal estudo poderão assim, subsidiar as iniciativas de letramento informacional.

Diante do colocado, o propósito principal do presente artigo é o de apresentar os resultados de um estudo que teve como objetivo levantar dados sobre as práticas informacionais de graduandos de vários campos disciplinares que estudam numa universidade pública brasileira. Antes de passar para o método e resultados, apresentaremos a seguir, uma breve discussão acerca de alguns conceitos e propostas, além de pesquisas semelhantes, levantados na revisão da literatura que embasaram o estudo.

## 2 Comportamento e letramento informacional

Em 1999, Wilson propôs um modelo simples que esquematizou os temas e enfoques dos subcampos daquilo que ele entendeu como constituindo o campo de “comportamento informacional”. Para ele, o comportamento informacional (*information behaviour*) representa o campo mais amplo que engloba a totalidade de fontes e canais de comunicação, e a busca passiva e ativa pela informação, ao passo que o subcampo de comportamento de busca pela informação (*information seeking behaviour*) foca a variedade de métodos acionados por usuários para terem acesso às informações para atender a uma necessidade de informação e satisfazê-la. Já o sub-subcampo “comportamento de busca em sistemas de informação” (SIs) (*information searching behaviour*) trata das interações entre usuários e SIs, no ato “micro” de busca (Wilson, 1999). Estendendo um pouco a compreensão de Wilson sobre o campo de comportamento informacional, Case (2012) também o vê como englobando o comportamento de busca pela informação, além dos comportamentos não-intencionais e passivos (p.ex. o “encontro, por acaso” com a informação – *information encountering*) e os comportamentos propositais não envolvendo a busca,

como a postura de ativamente *evitar* a informação (*information avoidance*).

Já o campo mais prático de “letramento informacional” (ou de ensinamento de “competência informacional” ou “alfabetização em informação” – veja Dudziak [2003] e Uribe Tirado [2010] para uma discussão sobre a variedade de termos utilizados para este conceito nas línguas inglesa, portuguesa e espanhola) visa propor intervenções nos dois subcampos do modelo de Wilson (comportamento de busca e de busca em SIs), para fomentar competência na identificação, localização e acesso da informação certa para a necessidade à mão, que os estudantes aprendem a delimitar. Também prevê o ensino de um outro conjunto de competências para avaliar a informação encontrada em termos da sua confiabilidade e qualidade, usá-la correta e eticamente, e finalmente, apresentá-la na forma adequada ao problema ou tarefa em questão.

Existem padrões e critérios para nortear a elaboração de materiais para o ensino da competência informacional, além de avaliar o grau de competência atingido, dois exemplos sendo os padrões da *Association of Research Libraries* (ARL) nos EUA, e os da *Society of College, National and University Libraries* (SCONUL) no Reino Unido. De acordo com este último, “As pessoas letradas informacionalmente demonstram uma consciência de como coletam, usam, gerenciam, sintetizam e criam a informação e dados numa maneira ética e terão a competência informacional para realizá-los efetivamente” (Bent e Stubbings, 2011). Desde 1999, a SCONUL divulga seu padrão “*Information Skills 7 Pillars*” que vem sendo adaptado ao longo dos últimos anos para incorporar as dimensões da paisagem informacional exclusivamente digital.<sup>(1)</sup> Por sua vez, a ARL concebe o letramento informacional como um conjunto de competências que leva um indivíduo saber “reconhecer quando a informação é necessária, e ter a capacidade de localizar, avaliar, e utilizar efetivamente a informação necessitada” (ARL, 1999-2013). O *framework* da ARL consiste em cinco padrões, que, por sua vez, são desmembrados em conjuntos de indicadores de desempenho com seus respectivos conjuntos de resultados esperados para cada indicador, que ajudam na avaliação da efetividade da intervenção de letramento informacional.

Grande parte dos trabalhos publicados sobre o comportamento informacional e sobre as intervenções de letramento informacional para potencialmente mudar positivamente esses comportamentos, foca a educação formal. O renomado modelo comportamental, o ISP – *Information Search Process* – da Carol Kuhlthau, foi desenvolvido a partir da mesma autora em escolas de primeiro grau nos EUA. A grande importância desse trabalho seminal, e sua subsequente proposta de integrar o ensino da competência informacional dentro do conteúdo disciplinar do currículo escolar, é que a competência informacional não mais se limita ao âmbito da

biblioteca (Dudziak, 2003). O objetivo era de inculcar autonomia nos alunos escolares, preparando-os para a vida de trabalho ou como estudantes universitários.

A pesquisa aqui apresentada foi influenciada por estudos de avaliação do comportamento informacional de universitários já realizados nos Estados Unidos e Europa (Head e Eisenberg, 2009, 2010; Rowlands et al, 2008; Spink e Cole, 2006; Metzger, Flanagin e Zwarun, 2003). Vários desses estudos propuseram testar a hipótese que os universitários da “geração *Google*” são mais competentes no uso da web.

O ponto de partida do estudo foi pautado nas seguintes indagações: Como se comportam os universitários da geração *Google* nas suas pesquisas e buscas pela informação dentre as inúmeras possibilidades em oferta hoje? Quais preferências de fontes têm? Como utilizam a biblioteca da universidade? Assim, o objetivo geral da pesquisa foi o de delinear as práticas e preferências informacionais de um grupo de universitários brasileiros da “geração *Google*” que estudam numa universidade pública.

### 3 Método

A pesquisa foi de caráter exploratório, usando métodos qualitativos e quantitativos, já que englobou primeiramente a etapa de levantamento, estudo, análise e síntese da literatura relevante ao estudo, ações estas imprescindíveis a qualquer pesquisa científica. Esta foi seguida pela etapa empírica constituído pelo levantamento de dados através da aplicação de um questionário composto por perguntas fechadas e aplicado *online* via a rede social *Facebook*. A elaboração do instrumento de coleta foi inspirada em outros estudos semelhantes, especialmente os de Eisenberg e Head (2009; 2010), intitulados, respectivamente: *How college students seek information in the digital age* e *How college students evaluate and use information in the digital age*.

Traduzimos e adaptamos algumas questões do instrumento desses autores (veja Apêndice A) e inserimos na plataforma *Google Docs*. O questionário final foi composto por 5 questões estruturadas de múltipla escolha, e 3 com uma escala Likert de cinco graus de frequência (“sempre”, “frequentemente”, “às vezes”, “pouco”, “nunca”). Com a exceção da primeira questão, todas contiveram campos abertos ao fim para a inclusão opcional de comentários abertos sobre as questões. O questionário terminou com uma questão aberta, caso o respondente quisesse fazer sugestões ou comentários sobre o questionário em geral. O pré-teste do instrumento foi realizado com 8 alunos de graduação da mesma universidade onde foi aplicada a versão final do questionário.

Como meio de divulgação do link ao questionário, foi utilizada a rede social *Facebook*, no perfil de um grupo

fechado da universidade pública onde foi realizado o estudo. Esta forma de divulgação foi escolhida por ser considerada a mais próxima e mais acessada pelo público alvo. O questionário ficou acessível por 4 meses, sendo que este intervalo de tempo suscitou o retorno de 216 questionários respondidos na íntegra, o que representa 1,8% do total número de graduandos (em cursos presenciais e à distância) da universidade estudada. Os dados levantados subsequentemente passaram por uma análise estatística simples.

#### 4 Resultados

Segue a apresentação de um subconjunto do total dos resultados obtidos, não havendo espaço aqui para a inclusão de todos os dados coletados e analisados. Entende-se que a representatividade de todas as áreas de conhecimento nas respostas foi razoável, com a exceção das Ciências Agrárias com apenas 2 alunos que responderam, como pode ser vista na Tabela 1.

Ao início do questionário, foi solicitada informação acerca da frequência com que os respondentes elaboraram um “roteiro de pesquisa” antes de iniciarem suas buscas pela informação para seus trabalhos acadêmicos. Os resultados revelam que apenas 35% dos respondentes afirmaram que “sempre” ou “frequentemente” elaboram tal tipo de roteiro (9% deste total afirmando que “sempre” elaboram), sendo estes majoritariamente de cursos das Exatas (Ciências Agrárias, Ciências Exatas e da Terra, e as Engenharias). No entanto, somados, os que fazem “às vezes, pouco, e nunca”, chegam a 65% dos respondentes, distribuídos quase igualmente entre todas as áreas do conhecimento. A maioria dos respondentes, então, busca informação sem uma estratégia específica pré-definida, o que aponta a necessidade de iniciativas para fornecer diretrizes de boas práticas na pesquisa científica.

Grande área de Conhecimento	Números absolutos	%
Ciências Agrárias	02	1%
Ciências Biológicas	27	13%
Ciências Humanas	32	15%
Ciências Exatas e da Terra	55	25%
Ciências Sociais Aplicadas	24	11%
Engenharias	53	25%
Linguística, Letras, Artes	23	11%
Total	216	

Tabela I. Distribuição dos respondentes por área de conhecimento

Em seguida, foi apresentada uma lista de diversas fontes de informação – impressas, digitais e online – para que os respondentes apontassem com qual frequência consultam cada tipo. Como não é de se surpreender, os

buscadores da *Google* se destacaram da seguinte forma:

- *Google*, sendo consultado “sempre” ou “frequentemente” por 92% dos estudantes, e com nenhum respondente assinalando a opção “nunca”.
- *Google Acadêmico*, com 67% dos estudantes usando-o sempre ou frequentemente, e 17% que afirmam usar pouco ou nunca, estes sendo majoritariamente da área das Exatas.

Estes resultados são mostrados no Gráfico 1 a seguir.

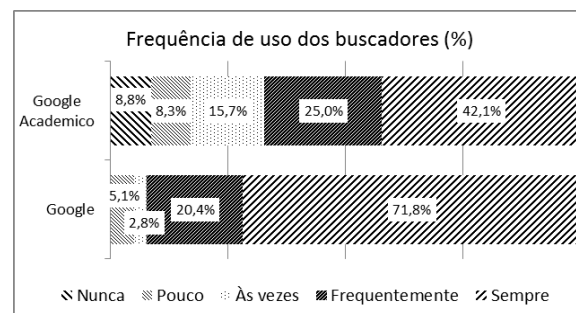


Gráfico 1. Distribuição da frequência de uso dos buscadores Google

Um resultado interessante obtido foi a semelhança de respostas em relação ao uso dos livros eletrônicos, acessíveis a partir de coleções disponíveis online através do site da biblioteca da universidade. Como pode ser visto no gráfico 2 abaixo, este formato de suporte virtual de livros tem um grau de aceitabilidade relativamente alto entre os respondentes que assemelha àquele para os livros impressos. Cabe observar que são os estudantes das áreas das Exatas que demonstram maior interesse pelo suporte digital dos livros eletrônicos, compondo a maior parcela de respondentes que respondeu “sempre” e “frequentemente”.

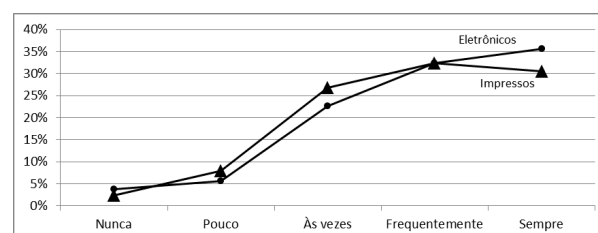


Gráfico 2. Comparação da frequência de uso dos livros eletrônicos e impressos

Ao analisarmos quais são as áreas do conhecimento que mais utilizam os livros impressos, vimos que os resultados são quase equilibrados, sendo o uso desse suporte um pouco maior entre alunos oriundos das Ciências Exatas e da Terra, e das Engenharias. Isto é, embora a área das Ciências Exatas seja mais dinâmica em alguns pontos, com atualizações mais frequentes e dinâmicas de conteúdo, comprometendo a durabilidade do conteúdo de um livro impresso, os alunos mostram

que o suporte de informação na forma de livros impressos ainda é muito presente no seu cotidiano, principalmente representado por livros texto (e frequentemente custosos) das suas respectivas áreas.

A preferência pelo meio digital em detrimento do impresso encontra-se refletida nos resultados sobre a frequência no uso de periódicos científicos impressos comparados com os digitais, acessíveis online. Para os impressos, 74% dos respondentes foram distribuídos entre os pontos “pouco” ou “nunca” na escala do questionário, com apenas 1% afirmando “sempre” usar este suporte físico para periódicos. No entanto, talvez seja mais surpreendente que, em relação ao uso de periódicos online, em meio digital, também pouco mais da metade dos respondentes (56%) respondeu que utiliza este tipo de fonte “nunca” ou “pouco”, com apenas 14% usando-os “sempre” e 12% “frequentemente”. Este resultado possivelmente aponta ao fato que esta geração é mais habituada a acessar a informação ao nível do texto completo do artigo via bases de dados e buscadores, de forma desconexa do “pacote” mais agregado do volume e número do periódico no qual foi originalmente publicado. Cabe notar que a mesma preferência pelo meio digital foi identificada para as categorias “Revistas” e “Jornais de Notícias”.

Em relação ao uso de Teses e Dissertações impressas, as porcentagens dos respondentes que as usam “sempre, frequentemente e às vezes”, somadas, chegam a apenas 29%, (2%, 12% e 15% respectivamente), com apenas quatro alunos dizendo usar sempre, dois deles das Ciências Exatas e da Terra, um das Ciências Biológicas e um das Ciências Humanas. No entanto, quando comparamos este uso com o uso de “Teses e Dissertações digitais” (comparação representada no gráfico 3 abaixo), há um grande aumento no número de respondentes: somando as categorias na escala de “sempre”, “frequentemente” e “às vezes”, essa quantia sobe para 83%. Bem diferente do resultado referente ao uso da fonte impressa, o suporte digital para este tipo de fonte é utilizado “sempre” por 27% dos alunos, majoritariamente da área das Humanas, resultado este que atesta o grande sucesso dos esforços das bibliotecas universitárias brasileiras, incentivadas e apoiadas por órgãos governamentais como CAPES e o IBICT, em disponibilizar estes produtos informacionais em bibliotecas digitais de acesso aberto com a visibilidade eficaz dos seus metadados a partir de buscadores na internet.

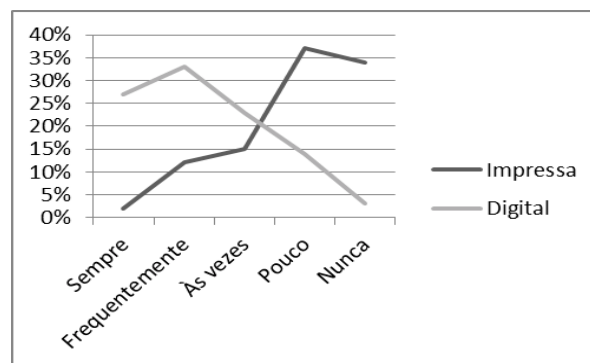


Gráfico 3. Frequência de uso de teses e dissertações impressas e digitais

Em relação à questão sobre o uso de bases de dados, os respondentes apresentaram-se quase igualmente distribuídos nas categorias de respostas, como demonstrado no Gráfico 4 abaixo. Este resultado demonstra que, mesmo tendo uma maior interação com o ambiente digital, a maioria dos respondentes ainda não utilizam rotineiramente as ferramentas de busca informatizadas e mais sofisticadas que estão disponíveis ao seu alcance na biblioteca universitária e a partir da plataforma do Portal de Periódicos CAPES. Nesta mesma questão, foi obtida como uma resposta aberta uma declaração de dúvida sobre o que seriam “as bases de dados”: o respondente comentou que caso a SciELO seja uma, então ele utilizou alguma vez, mas ao contrário, não sabia dizer. Tal comentário revela para os profissionais da área de Biblioteconomia como as categorias e conceitos de diferentes tipos de fontes de informação possivelmente tenham pouca relevância para o usuário final, que apenas quer acessar “a informação” para atender a sua necessidade. Alguns dos comentários feitos nos campos abertos no questionário confirmaram que eles não conhecem os termos técnicos e definições de produtos e serviços informacionais da área bibliotecária, como bases de dados, tesouros, comutação e serviço de referência, entre outros.

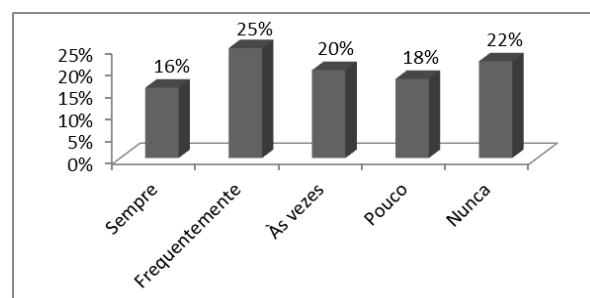


Gráfico 4. Frequência com que os respondentes utilizam bases de dados

Quando perguntados sobre quais vantagens os usuários viam ao utilizarem bases de dados como a *Web of Science* e outras, em uma questão onde poderiam marcar mais de um item, foi observado que mesmo que uma parcela dos respondentes reconheça essas fontes de

informação como sendo mais confiáveis e de conteúdo mais atualizado (47% e 30% respectivamente), quase que a mesma proporção de respondentes, 44%, admite que não costuma usar essas bases de dados. Neste ponto, fica evidente então, uma carência na sua aquisição de competência informacional para lidar com fontes científicas, mesmo já estando no meio universitário. Ficou evidente que o problema não se restringe em simplesmente “encontrar” as informações necessárias para realizar seus estudos e trabalhos acadêmicos, mas também, em reconhecer onde e como buscar por essas informações, de modo a atingir um resultado qualitativo de alto nível. Isto pode indicar lacunas na divulgação dos produtos e serviços da biblioteca por um serviço eficiente de *marketing* bibliotecário. Também pode apontar um problema cultural dos estudantes universitários, de baixo interesse e aproveitamento dos já poucos recursos informacionais oferecidos na educação superior brasileira.

Entre os que utilizam as bases de dados, catálogos online e a Internet como um todo, ao serem questionados sobre quais estratégias e expressões de busca utilizam na hora de filtrar e selecionar os resultados, como previsível, a consulta de tesouros especializados é a estratégia menos utilizada – por apenas 6% dos entrevistados, distribuídos quase igualmente entre alunos de cursos das Humanas e das Exatas. Os recursos e estratégias de busca mais utilizados, abordados tanto numa pergunta fechada quanto em outra aberta, são os mais simples utilizados no *Google*, como a utilização de aspas, representando 22% do total. Porém, ainda é relativamente alta a porcentagem de alunos que somente digitam seu termo de busca, sem utilizar algum recurso para filtrar os resultados: 38% dos respondentes. Com relação à forma de avaliar os resultados recuperados no *Google*, o mais comum apresentado pelos respondentes é de pesquisar apenas a primeira página de resultados recuperada, sendo o segundo mais comum ler as primeiras três páginas. Poucos respondentes (n=4) dizem olhar em mais páginas dos resultados e usar o caractere asterisco (\*) para obter mais informações sobre determinado assunto.

De modo geral, então, os recursos informacionais menos utilizadas são “Teses e dissertações impressas”, “Revistas e jornais de notícias impressas”, “Periódicos impressos”, “Repositórios” e “Catálogos de bibliotecas online”. Para esta última categoria, somando as porcentagens daqueles que usam “pouco” e “nunca”, chegamos a 52% dos respondentes, sendo que 26% da soma das respostas “nunca” são de alunos das Exatas. Este resultado é preocupante dado a riqueza de informação contida num catálogo online de uma biblioteca.

Em relação ao declarado pouco uso dos “Repositórios digitais” (69% afirmam ter usado “pouco” e “nunca”: 25% e 44%, respectivamente, a maioria destes sendo dos cursos das Exatas), esse deveria ser visto no contexto daquelas respostas obtidas para a questão sobre a

frequência de uso do *Google Acadêmico (Google Scholar)*, utilizado muito pelos respondentes do questionário. Muitas pessoas não percebem que os resultados recuperados através de pesquisas feitas no *Google Acadêmico* incluem artigos científicos arquivados em repositórios digitais, cujos metadados tem sido coletados (*harvested*) e mostrados pelos algoritmos do *Google*. Ou seja, o *Google Acadêmico* acaba operando como um portal ao conteúdo de uma rede interoperável e mundial de repositórios de acesso aberto que disponibilizam textos completos de artigos científicos.

Mesmo com uma disparidade entre os alunos que apresentaram um perfil mais bem informado quanto às fontes de informação e suas ferramentas, quando perguntados sobre os critérios de avaliação da qualidade das fontes, isto é, se os resultados obtidos numa busca poderiam ser confiáveis, os alunos apresentaram uma noção comum desses critérios. A maioria dos alunos confia na qualidade porque procuram artigos por indicação de docentes e/ou bibliotecários (63%), ou levam em consideração quais são os autores responsáveis pela publicação (72%), sendo que esses autores também são conhecidos a partir de indicações de docentes. Houve poucos comentários abertos acrescidos a esta questão, mas aqueles que sinalizaram outras estratégias de avaliação mencionaram: a avaliação do método científico empregado no texto recuperado (n=2); se a proveniência da informação da fonte é de uma universidade conhecida (n=2); a qualidade da apresentação e *layout* da informação (n=1); a atualidade do site sendo acessado (n=2); a data da publicação da informação, sendo que a mais atual, para este respondente, seria a mais confiável (n=1). Dois respondentes observaram que ao usar *Google Acadêmico* e *Google*, de fato somente confiam nos resultados das primeiras duas páginas dos resultados. A predominante confiança em fontes indicadas por professores e orientadores é algo também constatado em outros contextos, fora do Brasil. Neely (2006) observa como a percepção que os docentes têm da importância das técnicas de busca e avaliação das fontes de informação impactará positiva ou negativamente na percepção que seus estudantes terão das mesmas competências, mas que este ponto chave é frequentemente ignorado na avaliação do impacto que as intervenções de letramento informacional possam suscitar nas práticas informacionais de estudantes.

Ao questionar os estudantes sobre a frequência com a qual vão ao prédio da biblioteca principal da universidade e para qual motivo, tivemos a seguinte distribuição de respostas entre os dois pontos extremos dos graus de frequência, apresentada na tabela II abaixo:

Motivo principal da ida à biblioteca	Nunca e Pouco	Sempre e Frequentemente
Fazer trabalhos em grupo	42,8%	29,8%
Estudar	37%	35%
Buscar auxílio de bibliotecários	87,4%	3,7%
Visitar exposições ou eventos	68%	11%
Emprestar e ler livros, HQs, com finalidade de lazer	39%	6%

Tabela II. Distribuição de graus de frequência e uso da biblioteca da universidade

Estes resultados mostram que os estudantes veem majoritariamente o espaço da biblioteca como um local para o estudo e para realizar seus trabalhos acadêmicos, e não um ambiente onde podem visitar exposições ou “relaxar”, lendo trabalhos que não tenham a ver com seus estudos. Estes resultados quantitativos encontraram reflexo em várias reclamações (nos campos abertos no questionário) sobre o barulho relacionado à realização de alguns eventos culturais no espaço da biblioteca, e sobre a falta de mais opções de espaço para a condução de trabalhos em grupo com maior conforto. Os resultados desta questão também apontam a ausência quase total da procura pelo auxílio dos bibliotecários, o que é preocupante quando os estudantes de graduação vão predominantemente à biblioteca para fins acadêmicos, para os quais poderiam ter maior apoio desses profissionais nas buscas em bases de dados e no catálogo, por exemplo. Com este resultado vimos que os estudantes ainda não reconhecem neste profissional a habilidade de poder ajudá-los nas suas pesquisas e não conhecem seu trabalho e em quais pontos isso poderia ajudar a otimizar seu tempo e aumentar a confiabilidade nos resultados obtidos. Tal resultado desapontador aponta a necessidade urgente de mais *marketing* dos serviços prestados pela biblioteca, além da maior divulgação das habilidades e atribuições do profissional bibliotecário.

## 5 Considerações finais

Nosso estudo ajudou a delinear o perfil do graduando numa universidade pública brasileira, do ponto de vista das suas práticas e preferências informacionais. De modo geral, os resultados apontam que os graduandos desta geração têm uma preferência muito perceptível pelos meios e suportes digitais para recuperar e usar a informação que buscam e acessam para seus estudos universitários. Ou seja, os resultados levantados confirmam a hipótese de que a “geração Google” claramente prefere usar exatamente os recursos e ferramentas digitais como o *Google*, acima daqueles mais tradi-

cionais, como os catálogos de bibliotecas e fontes impressas. Os resultados realçam que os universitários se sentem muito confortáveis inseridos no mundo virtual, tal inserção trazendo consigo uma certa expectativa de que a procura por e acesso à informação deveriam ser algo fácil e, acima de tudo, rápido. A esmagadora preferência pelo uso dos buscadores *Google* junto com o escrutínio superficial dos resultados levantados com este buscador, e a quase total ausência do uso de recursos informacionais mais “sofisticados” encontrados na biblioteca e que necessitam de um uso mais aprofundado, sistemático e criterioso, como, por exemplo, as bases de dados, atestam este fato. Vale lembrar que estes resultados não divergem daqueles levantados em estudos semelhantes realizados em outros países. Outra faceta dessa imersão total na paisagem da informação digital é que esta é constituída exatamente pelo recurso que precisam: a informação, não importando que seja oriunda de uma base de dados, repositório, enciclopédia, periódico digital ou texto digitalizado. Isto é, com a exceção de graduandos da área de biblioteconomia, o uso de uma terminologia para denominar e diferenciar as fontes e recursos de informação um do outro parece ser algo sem muita relevância para os graduandos, uma constatação que deveria ser levada em conta ao pensarmos no enfoque de materiais de letramento informacional.

O maior uso dos recursos digitais no ciberespaço em detrimento do uso do espaço físico da biblioteca universitária, foi outra tendência claramente apontada pelos resultados, e mais uma tendência que é verificada em outras partes do mundo. Acredita-se que, se a biblioteca universitária puder acompanhar esta tendência, fomentando-a e sustentando-a num ambiente infraestrutural que propicie e priorize a conectividade, tanto virtual quanto presencial, ela superará esse êxodo perceptível dos graduandos do interior das bibliotecas. Se pudermos caracterizar o trabalho acadêmico no meio virtual como solitário e até isolador, então a biblioteca universitária tem aí uma missão posta de se reconfigurar de tal modo que possa atrair os graduandos de volta à biblioteca oferecendo primordialmente uma infraestrutura tecnológica de ponta e onipresente, ao mesmo tempo em que permita ao usuário manter intacta sua identidade conectada, e também propicia-lhe os meios e condições para participar em trabalhos de grupo, socializar, ter acesso à cultura, e estar imerso num ambiente que lhe permita encontrar a informação por acaso (*information encountering*) em todos os suportes.

O abandono quase total das fontes impressas ainda encontradas na biblioteca suscita preocupações sobre a confiabilidade das informações digitais obtidas por graduandos e sobre a sua capacidade – e interesse – em avaliá-las efetivamente. Os resultados apontaram que o principal “filtro de qualidade” utilizado pelos estudantes é se o recurso informacional procurado tivesse sido indicado pelo docente ou não. Podemos afirmar que tal

atitude equivale à opção pelo “caminho mais curto” para se chegar à informação confiável: por *default*, será confiável se o docente tenha a indicado, e o graduando não terá que se preocupar em pensar criticamente sobre a avaliação da mesma. Esta é uma situação preocupante se imaginarmos estes mesmos graduandos seguindo um programa de pós-graduação, com as exigências de serem mais independentes e proativos na procura pela informação de altíssima qualidade e relevante a sua pesquisa. A recomendação para que os estudantes prefiram o uso do *Google Acadêmico* ao invés do *Google* é relevante neste sentido também, pois o *Google Acadêmico* é um buscador exclusivo de informação científica, colhendo fontes informacionais de repositórios institucionais.

A ignorância – quase que unânime – quanto ao papel profissional do bibliotecário identificada nos resultados, é inquietante. Sugere que neste contexto dos usuários imbuídos por uma auto-avaliação certa da sua independência total na tarefa de encontrarem a informação, os bibliotecários terão que literalmente redobrar seus esforços para se tornarem figuras relevantes de “peritos informacionais” que possam auxiliar os graduandos a agregar valor às suas pesquisas acadêmicas, começando com a busca pela informação. Uma das ações que contribuirão à reconfiguração da sua imagem profissional passa pela elaboração e condução de programas e intervenções de letramento informacional, junto com uma vigorosa promoção de tais iniciativas. A importância destas deve ser explicada nas coordenações de cursos e departamentos, inserindo-as nas grades curriculares, levando-as para a sala de aula ou para ambientes virtuais de aprendizagem, sem esperar o aluno ou docente ir até a biblioteca para uma sessão de letramento informacional, apesar de o local da biblioteca ser potencialmente privilegiado para a oferta de tais intervenções.

Assim, os resultados do estudo aqui apresentado indicam também a necessidade de o bibliotecário fazer um *marketing* da biblioteca mais atuante e próximo do aluno, expandindo os muros da biblioteca, como através de visitas presenciais em sala de aula.

Entendemos que este levantamento nos fornece subsídios para planejar intervenções de letramento informacional com os estudantes da “geração *Google*” que contundentemente demonstram maior interesse pelas fontes de informação digitais, mas que não tem pleno domínio sobre as possibilidades que o meio virtual pode oferecer.

De modo mais significativo, acreditamos ter identificado, neste estudo, a necessidade de uma simultânea e até urgente mudança de postura do profissional bibliotecário, que precisa se tornar mais visível, disponível e acessível aos graduandos, trabalhando não apenas para processar e por livros nas estantes, mas para estar proativamente à disposição para auxiliar em pesquisas e

orientar quanto às fontes de informação. O planejamento e promoção energética de intervenções em letramento informacional focadas nos recursos digitais, e idealmente ministradas no contexto da necessidade e uso da informação, ou seja, como parte das disciplinas das respectivas grades curriculares, contribuirá em muito a esta mudança. Por fim, faz-se necessário uma concomitante reconfiguração do espaço físico da biblioteca universitária, para que este se torne o *locus* central da rotina de estudos do graduando.

## Notas

(1) Vide <http://www.sconul.ac.uk/tags/digital-literacy>.

## References

- Bent, Moira; Stubbings, Ruth (2011). The SCONUL seven pillars of information literacy. Core model for higher education. London: SCONUL. <http://www.sconul.ac.uk/sites/default/files/documents/coremodel.pdf> (2015-11-6).
- Case, Donald O (2012). Looking for information: a survey of research on information seeking, needs and behavior. Bingley: Emerald Group Publishing, 2012.
- Dudziak, Elisabeth Adriana (2003). Information literacy: principles, philosophy and practice. // *Ciência da Informação* 32:1 (2003) 23-35.
- Gutierrez, Eneida Ortega (2012). Estudiantes universitarios ¿Nativos digitales? Una reflexión sobre sus competencias tecnológicas y su formación en competencias. // Hernández Salazar, Patricia (org.). Tendencias de la alfabetización informativa en Iberoamérica. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas 2012 361-382.
- Head, Alison J.; Eisenberg, Michael B (2009). How college students seek information in the digital age. Project Information Literacy Progress Report: Lessons Learned. (2009). [http://projectinfolit.org/images/pdfs/pil\\_fall2009\\_finalv\\_yr1\\_12\\_2009v2.pdf](http://projectinfolit.org/images/pdfs/pil_fall2009_finalv_yr1_12_2009v2.pdf). (2015-12-15).
- Head, Alison J.; Eisenberg, Michael B (2010). How college students seek information in the digital age. Project Information Literacy Progress Report: Lessons Learned. (2010). [http://journalistsresource.org/wp-content/uploads/2012/01/PIL\\_Fall2010\\_Survey\\_FullReport1.pdf](http://journalistsresource.org/wp-content/uploads/2012/01/PIL_Fall2010_Survey_FullReport1.pdf). (2015-12-15).
- Lehmkuhl, Karyn M.; Chagas, Magda T (2012). Os nativos digitais e seu comportamento de busca de informação científica on-line. XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XIII ENANCIB, Rio de Janeiro, 2012.
- Metzger, Miriam J.; Flanagin, Andrew J.; Zwarun, Lara (2003). College student Web use, perceptions of information credibility, and verification behavior. // *Computers & Education*. 41:3 (2003) 271-290.
- Neely, Teresa Y (2006). Information literacy assessment: Standards-based tools and assignments. Chicago: American Library Association, 2006.
- Novelli, Valeria Aparecida Moreira; Leite, Marilda Corrêa; Sitta, Maria Isabel Uthman. (2010). Mediação da informação: usuários gerações veteranos, baby boomers, X, Y, e Z. // II Seminário Internacional de Bibliotecas Digitais, Rio de Janeiro, 2010.
- Rowlands, Ian; Nicholas, David; Williams, Peter; Huntington, Paul; Fieldhouse, Maggie (2008). The Google generation: the information behaviour of the researcher of the future. // *Aslib Proceedings*. Emerald Group Publishing Limited, (2008) 290-310.
- Spink, Amanda; Cole, Charles (2006). Human information behavior: Integrating diverse approaches and information use. // *Journal of*



the American Society for information Science and Technology. 57:1 (2006) 25-35.

Taylor, Arthur (2012). A study of the information search behaviour of the millennial generation. // Information Research: An International Electronic Journal. (2012) 17:1 <http://www.informationr.net/ir/17-1/paper508.html>. (2015-12-23).

Taylor, Arthur; Dalal, Heather (2014). Information literacy standards and the World Wide Web: results from a student survey on evaluation of Internet information sources. // Information Research. 19:4 <http://InformationR.net/ir/19-4/paper645.html>. (2015-12-19).

Uribe Tirado, Alejandro (2010). La alfabetización informacional en Iberoamérica. // Ibersid. 4 165-176. <http://www.ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/3807/3572>. (2015-12-17).

Wilson, Tom (1999). Models in information behaviour research. // Journal of documentation. 55:3 (June 1999) 249-270.

[http://www.libcronyms.com/Libcronyms/LBSC601\\_Readings\\_files/TDWilson.PDF](http://www.libcronyms.com/Libcronyms/LBSC601_Readings_files/TDWilson.PDF) (2014-7-14).

---

Copyright: © 2017. Farias et.al. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

---

Received: 2016- Accepted: 2016-

## APÊNDICE - Questionário

### 1. Seu curso/área de pesquisa é:

Ciências Agrárias  
 Ciências Biológicas  
 Ciências Humanas  
 Ciências Exatas e da Terra  
 Ciências Sociais Aplicadas  
 Engenharias  
 Linguística, Letras, Artes

### 2. Com qual frequência você costuma desenvolver um roteiro de pesquisa, antes de iniciar seu trabalho?

Sempre    Frequentemente    Às vezes    Pouco    Nunca

### 3. No decorrer dos seus estudos acadêmicos/universitários, indique com qual frequência você faz uso das seguintes tipos e meios de fontes de informações:

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Pouco	Nunca
Teses & dissertações digitais					
Teses & dissertações impressas					
Base de Dados, (como por exemplo: Web of Science, EBSCO)					
Google					
Google Acadêmico					
Livros texto impressos					
Livro texto eletrônicos					
Wikipedia					
Catálogos de bibliotecas online					
Revistas e jornais de notícias impressas					
Revistas e jornais online					
Normas técnicas					
Monografias					
Periódicos impressos					
Periódicos por meio do Portal da Capes					
Repositórios digitais					
Só utilizo o espaço da biblioteca					

### 4. Você costuma ir ao prédio da Biblioteca para quê, e com qual frequência?

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Pouco	Nunca
Usar, apenas, livros e materiais impressos encontrados na Biblioteca					
Estudar					
Fazer trabalhos em grupo					
Visitar exposições e/ou eventos					
Utilizar o espaço como lazer, para emprestar livros de literatura e/ou HQs					
Buscar auxílio dos bibliotecários					

#### 4.1 Caso utilize o espaço da biblioteca para outro fim, favor utilizar este espaço para comentar:

**5. Ao usar bases de dados, a internet ou catálogos online, você costuma usar estratégias e expressões de busca para obter um resultado mais direcionado? Se sim, quais? Operadores booleanos (AND, OR, NOT)**

Aspas e outros operadores do Google  
Índices de livros e revistas periódicos  
Tesauros de bases de dados especializadas (termos autorizados de busca)  
Não utilizo essas estratégias, apenas digito os termos da minha busca.

**5.1 Caso utilize outra estratégia e expressão de busca, favor descrevê-la aqui:**

**6. Ao usar buscadores na internet como Google, Google Acadêmico, você costuma analisar quantas páginas dos resultados?**

Apenas anliso a 1ª página de resultados  
Análise de 1 a 3 páginas  
De 1 a 5 páginas  
De 1 a 10 páginas  
Análise mais que 10 páginas de resultados.

**7. Na sua opinião, quais as principais vantagens acerca de utilizar as bases de dados, como Web of Science, EBSCO, Dynamed, entre outras.**

Apresenta um conteúdo mais amplo e atualizado  
O conteúdo disponível é mais confiável do que o que pode ser encontrado na internet  
Apresenta um sistema de busca mais eficaz, possibilitando fazer várias buscas ao mesmo tempo.  
Tem uma interface de fácil domínio  
Uma melhor organização dos artigos disponibilizados, por meio de tesauros, facilitando as buscas  
Não costumo utilizar as bases dados

**8. Quais critérios você usa para avaliar a qualidade das informações acessadas online?**

O quão frequente é a atualização do *site*.  
Quem são os autores responsáveis por trás e suas credencias  
Considero a bibliografia utilizada nos artigos publicados  
Sigo sugestões de docentes/orientadores  
Sigo sugestões de bibliotecários  
Levo em consideração o número de citações daquele site e/ou seus artigos

**8.1 Caso use outro critério ou tenha algum comentário sobre a questão 8, favor utilizar este espaço:**

**9. Caso tenha algum comentário sobre o questionário, ou gostaria de acrescentar alguma outra informação não contemplada nas questões apresentadas, favor usar este campo.**